

O HOSPITAL DE SÃO JOAQUIM
REAL E BENEMÉRITA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA DE
SÃO PAULO



Iniciada em 1859 por obra e graça de três modestos comerciantes portugueses (Luiz Simões Ferreira, Joaquim Rodrigues Salazar e Miguel Gonçalves dos Reis) tem sido dirigida por homens ousados e esforçados que, paralelamente às suas empresas privadas, souberam transformar a Beneficência Portuguesa num das principais entidades hospitalares do Brasil e do Mundo.

Comunicaram o pensamento a Miguel Gonçalves dos Reis. E os três constituíram-se em fundadores da Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Paulo.

A instituição foi oficialmente fundada em reunião de 2 de Outubro de 1859 na residência de Ayres Coelho da Silva Gameiro, mais tarde Barão da Silva Gameiro.

O primeiro hospital veio a ser inaugurado, conforme relato dos jornalista e escritor Gaspar da Silva (Visconde de São Boaventura) no jornal **A Província de São Paulo**. (que se passou a chamar-se O Estado, após a República): *A Colônia Portuguesa de São Paulo deu ma prova do seu amor ao progresso, fundando a associação de socorros. Que descritivo dará ideia do colosso?! / Essa associação tem prestado serviços relevantes, que seria longo enumerar. (...) Doravante esse socorro será prestado em casa própria, no hospital que se inaugura (20/08/1876).*

Joaquim Lopes Lebre, depois Conde de São Joaquim, na rua Brigadeiro Tobias. Ele foi presidente de 1871 a 1877 e reeleito por duas vezes em 11893 e 1902. Inaugurado em 1876, o Hospital são Joaquim, da real e Benemérita Associação Portuguesa de Beneficência de São Paulo, é o maior e mais completo do País. (...).

José Alves Barreto, Visconde de Nova Granada, na presidência, remodelou o Hospital de Alto a Baixo.

A presidência de José Ermínio de Moraes, paulista de Pernambuco, e Abílio Brenha da Fontoura e seus valorosos companheiros de Directoria, ergueram o magnífico e iumpar hospital de São Joaquim, da Beneficência Portuguesa de são Paulo.

Para acompanhar o progresso brasileiro, o novo hospital da rua Maestro Cardim foi inaugurado oficialmente no dia 16 de Junho de 1957. (...) Deste modo, prossegue a sua tradição, que foi traçada desde a primeira hora nos estatutos de 20 de Novembro de 1859, cujo Artigo 1.º define o espírito da então Sociedade Portuguesa de Beneficência, " Real e Benemérita" por determinação do rei D. Carlos I de Portugal, em 1901: *Os Portugueses reunidos como membros d'esta Associação tem por objecto contribuir com os meios pecuniários, e zelo munificente para minorar os males que sobreviverem a qualquer dos associados..*

II

Foram os seguintes os presidentes da instituição:

Ayres Coelho da Silva Gameiro, **Barão da Silva Gameiro (1859-1862)**

Caetano Ferreira Baltar (1872-1863);

José Alves de Sá Rocha, (1863-1872-79);

Joaquim Lopes Febre, Barão, Visconde e Conde de São Joaquim, (1872-77);

António José Leite Braga, (1878);

Manuel José da Silva Costa;

Francisco Marques de Sousa Paupério, (1880);

José Dias da Cruz Júnior, (1881);

Bernardino Monteiro de Abreu, (1882-1884, 1890-1891, 1906-7);

Abílio Soares, (1884-1885-1889);

Domingos Loureiro da Cruz, (Visconde do Rio Tinto), (1885-1886);

José Alves da Fonseca Ferreira Osório, (1888);

António Augusto Mendes Borges, (1889);

José Coelho Pamplona, Visconde de Porto Martin, (1892--1894);

Conde de São Joaquim (1890-1901-03);

Joaquim Marques Guedes, (1911-12);

José Alves Barreto, Visconde de Nova Granada, (presidente durante 25 anos)

Comendador António da Silva Parada (1931-1947);

José Coimbra dos Santos Júnior, (1949-1950);

Eng. José Ermínio de Moraes, (1951-1963);

Comendador Abílio Brenha da Fontoura (1963-1973);

Eng. António Ermínio de Moraes (desde 1971...)

Nestes 145 anos de fundação, a Beneficência acompanhou as transformações históricas e culturais da região. Em 1875 recebeu a visita do Imperador do Brasil, D. Pedro II; em 1889, o trabalho de seus médicos e funcionários foi amplamente solicitado em virtude de uma grande epidemia de febre amarela (o primeiro médico da Sociedade Portuguesa de Beneficência, quando o hospital foi inaugurado no Paquetá, em 1978, foi o alemão Dr. Frederico Guilherme Von Der Meden).

REAL E BENEMÉRITA SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA DE SÃO PAULO

Ainda há poucos, dentro deste edifício tive ocasião de ouvir extasiado, uma patriótica, erudita e eloquentíssima oração, proferida por um dos membros mais ilustrados do clero português, hoje residente nesta capital de S. Paulo.

Isto ocorreu durante a missa solene que teve lugar na capela deste hospital, quando se celebrava a festa do nosso glorioso orago S. Joaquim, padroeiro e protector celeste desta benemérita e caritativa instituição.

Outro belo discurso, porém moldado em estilo e assunto diferente, foi o que acaba de ser proferido pelo digno secretário desta sociedade, Sr. Manuel de Moraes Pontes quando historiou a vida do hospital, dizendo nas hipóteses quase tudo o que poderia ser dito nesta magna sessão.

Não abusaria eu, naturalmente da generosidade e da complacência da vossa preciosa atenção, se o meu obscuro nome não tivesse sido singularmente citado, quando há poucos momentos ainda o Exmo. Sr. Visconde de Nova Granada – digníssimo presidente desta assembleia a mim se referiu com palavras recendentes

de amizade e simpatia apresentando-me como o historiador desta instituição, por tantos e tão justos títulos denominada “Portuguesa de Beneficência”.

Como as referências a mim feitas por S. Exa. o Sr. Visconde de Nova Granada exagera em demasia a competência de historiador desta casa, como se me atribui, julgo-me na obrigação sincera e inelutável de declinar em parte da honra que a generosidade dos meus amigos me empresta, e explicar, embora sem método e fórmulas gramaticais qual o trabalho que tenho feito e estou fazendo, no tocante á **História** da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, que ora os abriga.

Eu não estou, de facto, escrevendo a história desta sociedade.

Para isso seria preciso competência, intelectualidade e preparo literário que não possuo, e que jamais poderia adquirir agora, quando me vão faltando o vigor de uma idade que há muito declinou da vitalidade e da força.

O meu trabalho de historiador é, e tem sido somente, o de organizador, joeira dor, compilador dos factos ocorridos durante o já longo período da existência desta instituição e coligindo-os, reunindo-os, trazê-los assim, mais ou menos concatenados- ás páginas dos livros onde ficarão perpetuados.

Tem sido esse apenas o meu trabalho - na parte que se refere ao histórico da sociedade.

Mas tão vasto, tão primoroso tem sido o passado desta benemérita sociedade – que eu não sei, senhores, se mais vale fazer um **romance histórico**, onde a fantasia se espraiasse em voos de imaginação, do que limitar-me, como tenho feito, a **transcrever** .

Cf: Revista da Comunidades de Língua Portuguesa, Revista n.º 20, Director e Editor João Alves das Neves